

A BATALHA DA MÍDIA

DÊNIS DE MORAES

A BATALHA DA MÍDIA

GOVERNOS PROGRESSISTAS E
POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO
NA AMÉRICA LATINA
E OUTROS ENSAIOS

Pão e Rosas
Rio de Janeiro, 2009

COPYRIGHT © 2009, Dênis de Moraes

Título: A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios

Coordenação editorial e capa: Rodrigo Murtinho

Copidesque: Rita Jobim

Revisão: Vinícius Renaud

Projeto Gráfico e diagramação: Bruno Cruz

Este livro foi composto seguindo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto 6.583/2008).

Pão e Rosas editora

Caixa postal 16216 | Cep 22221-971 | Centro | Rio de Janeiro

Tel.: (21) 3717-2127

editorial@paoerosas.com.br | www.paoerosas.com.br

CATALOGAÇÃO NA FONTE

por Cristina Bandeira CRB 7/3806 e Stela Pacheco CRB 7/4087

M827 Moraes, Dênis de, 1954-
A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios / Dênis de Moraes. – Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

272p.; 21cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-62501-00-5

1. Mídia (Publicidade). 2. Comunicação – América Latina. I. Título.
II. Título: Governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios.

CDD 659.111

*Em memória de Júlio Villas Boas Neto, Dadá,
tio, amigo e mestre, que sempre lutou do lado justo.*

Sumário

Prefácio, por Virginia Fontes, **9**

Apresentação, **17**

Parte I

Imaginário social, hegemonia cultural e comunicação, 28

Imaginário social e utopia, **29** | Hegemonia cultural e relações de poder, **35** | Meios de comunicação, ideologia e mercado, **42** | Fissuras e guerra de posições, **47**

Cultura tecnológica, inovação e mercantilização, 57

O mantra da velocidade fortuita, **57** | Vida em trânsito, objetos móveis, **63** | O frenesi mercantil, **68** | Inovação e saturação, **75** | Margens de diversidade, **83**

Parte II

Governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina, 98

Travessia para o pós-neoliberalismo, **99** | Sob o signo da concentração simbólica, **109** | Formas possíveis de intervenção governamental, **116** | Reestruturação da comunicação estatal, **120** | Outras televisões, outras dinâmicas produtivas, **126** | Telesur, **126** | Vive TV e Canal Encuentro, **133** | Redefinição de marcos regulatórios, **141** | Apoios a mídias comunitárias, **155** | Fomentos à produção cultural, **168** | A retomada do audiovisual, **174** | Resistências e tensões, **183** | Salvaguardas para uma comunicação plural, **195**

Ativismo em rede: comunicação virtual e contra-hegemonia, 230

Comunicação alternativa e contrainformação, **231** | Ecossistema virtual e mobilização social, **239** | Afastando ilusões e avaliando perspectivas, **252**

Agradecimentos, **267**

Prefácio

Da importância das lutas e batalhas

Virginia Fontes

Em primeiro lugar, quero dizer da minha enorme satisfação por estar com o grande amigo Dênis de Moraes em mais uma de suas publicações. Uma profunda convicção democrática transparece em cada frase de seu livro, e demonstra como somente uma reflexão crítica permite pensar a participação política como luta de classes, exigindo avanços plenos para a grande massa de trabalhadores num mundo crescentemente dominado por grandes conglomerados.

Escrevo este prefácio em janeiro de 2009, quando estamos mundialmente imersos em enorme crise econômica e social iniciada nos Estados Unidos e imediatamente generalizada. Crise econômica que revolve as entranhas da lógica predominante em praticamente todo o planeta, promovendo um movimento paradoxal apenas na aparência: brutais desvalorizações de capital e destruição de empresas ocorrem ao lado de novas concentrações monopólicas – pois os mais fortes se aproveitam da situação dos mais frágeis para devorá-los; uma inusitada e gigantesca intervenção dos Estados nos países centrais e periféricos doa generosos recursos para imensos monopólios, e justifica tais doações como tentativas para reduzir ou frear a velocidade da crise.

Não se trata apenas de uma crise econômica, da queima de recursos monetários ou financeiros por empresas ou governos, mas de enorme crise social que se abre, impondo profundos sofrimentos. Expande-se o desemprego no plano mundial, ao lado de novas pressões para rebaixar ainda mais as garantias ligadas aos contratos de trabalho, reduzir salários e desregular as jornadas e os direitos, desqualificando a vida dos trabalhadores. A imensidão de recursos públicos injetados em bancos e empresas – recursos totalmente sonogados à extensão de direitos universais nas últimas décadas – é atordoante, e leva a temer que se trate de uma tentativa desesperada de garantir que a mesma lógica continue a predominar. Tais somas, expressas em trilhões de dólares, tornam difícil até mesmo imaginar o que essa tentativa pode vir a significar.

Todo esse processo demonstra que os Estados estão comprometendo recursos públicos futuros com a manutenção da lógica capitalista atualmente dominante. Crise econômica e social, mas também cultural, pois nos defrontamos com situações dramáticas, como se estivesse totalmente fora do alcance da humanidade reverter as condições que produzem tais crises.

Comunicações, informações e produção de sensibilidades sociais seguem açambarcadas por enormes concentrações monopólicas, enredando oligarquias e grandes burguesias locais em diferentes países às pontas empresariais multinacionalizadas mais concentradas.

A grande mídia usa a crise para, ao mesmo tempo, atemorizar e apassivar a população. Assusta-nos, convertendo em tema para peritos uma crise da qual pouco se entende, apresentada na maioria das vezes de forma descontextualizada, desligada de suas determinações mais profundas. Apassiva ao diluir a crise em milhares de horas de programações destinadas a entreter, a distrair, apresentando o mesmo mundo como se nada estivesse ocorrendo ou, pior ainda, como se, impotentes frente à crise, assim como os passageiros do Titanic às vésperas do naufrágio, devêssemos bailar ainda mais aceleradamente. De um lado da moeda, a crise ame-drontadora emerge nos noticiários, diante dos quais todos parecem incapazes, como se estivéssemos diante de uma hecatombe natural imprevisível. Do outro, a vida cotidiana, também mercan-

tilizada e naturalizada, é apresentada de maneira descolada das enormes contradições econômicas, sociais e culturais, apartada de toda efetividade e de toda capacidade – velando até mesmo a necessidade – de intervenção na crise que, entretanto, a devora.

Num mundo onde predominam grandes monopólios, onde pensamentos únicos se tornam corriqueiros – ainda que saltem de um extremo a outro, travestindo-se neoliberalismo de intervencionismo estatal –, também as contradições tendem a se expandir, a se tornar mais evidentes, apesar de todos os floreios da mídia proprietária e concentrada. As lutas sociais, as reivindicações populares, convertem-se em luta de classes e passam, na atualidade, a atravessar todas as formas de atuação humana, desde os locais de trabalho, passando por moradia, saúde, transporte, cultura, arte, alimentação etc. Proteger a vida humana, assegurar uma existência social emancipada da imposição de uma mercantilização voraz que a tudo abate sob o peso do lucro, tende a se tornar uma necessidade permanente, em todas as áreas de atividade humana e social.

A mídia é um desses espaços – espaço crucial, pois a (in)comunicação e a (des)informação têm papel central nesse processo – de luta social, e é exatamente o fulcro no qual se situa a obra que tenho a satisfação de prefaciar. Compreende-se a importância deste livro de Dênis de Moraes, pois, nele, a ênfase é sobre a luta que é preciso – e possível – travar nesse terreno. Lutas no interior do que a grande mídia divulga como o que deveria ser o “senso comum” (ou imaginário), lutas populares nos diversos países da América Latina, com resultados mais ou menos progressistas, e lutas através de um dos mais poderosos meios de difusão na atualidade, que é a Internet.

A hegemonia e as formas de dominação do capital não começam e não se esgotam na mídia. Atravessam o conjunto das relações sociais, com expropriações primárias (a da terra) e secundárias (de direitos, de bens sociais, como das águas, do conhecimento, das sementes e da própria vida, atualmente objeto de patentes proprietárias) e formas de exploração do processo de trabalho e do mais-valor intensificadas e diversificadas, ao mesmo tempo pulverizadas pelo planeta e centralizadas nas mãos de poucos proprietários.

É fundamental, pois, sermos capazes de articular – e de compreender – as profundas conexões entre a imensa variedade de meios para a produção, difusão e circulação de informação e de cultura e o predomínio unilateral de formas econômicas e sociais impostas pelo grande capital – em dimensão sempre mundial e imperialista. É nesse âmbito de uma totalidade social cada dia mais intrincada que as formas de luta política precisam ser cotidianamente reinventadas.

Esse é o objetivo do livro que o leitor tem nas mãos. Ele não se limita a denunciar as condições da concentração midiática ou as formas associativas internacionais que reafirmam o controle empresarial ao coligar diferentes burguesias em torno do mundo – como a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), enorme e tentacular aparelho privado de hegemonia sustentado pelas grandes empresas, ou como a entidade Repórteres Sem Fronteiras, cujo papel principal é a defesa da grande propriedade e da concentração do capital em todo o mundo. Também não se resume a reiterar as variadas modalidades de manipulação que uma tal concentração de propriedade, de capitais e de meios tecnológicos favorece, através de verdadeiros latifúndios midiáticos e infoeletrônicos. Este livro expõe formas de luta que vêm se delineando, sobretudo na América Latina, e que demonstram possibilidades efetivas – mesmo se limitadas e, talvez, ainda mais estreitas do que precisaríamos – de avançar, infletindo os espaços públicos para, também a partir deles, contrapor uma outra forma de produzir e de difundir conhecimento, informação e cultura.

Sabemos que a sociedade civil, como forma organizativa da vida sob os marcos do capitalismo, é um espaço de lutas sociais e de lutas de classes. Na sociedade civil se organizam vontades e consciências e se travam embates entre frações diversas do capital (intraclasses), nas quais um grupo procura convencer e capturar a sensibilidade das maiorias para formas específicas de direção e domínio capitalista. Mas também se travam batalhas cotidianas entre as classes sociais, através de organizações contra-hegemônicas. De um lado, grandes empresas apoiam e financiam organizações diversas (voltadas para temas os mais variados, dentre eles a “responsabilidade social” e o agenciamento empresarial de

“voluntariados”, através de fundações e associações aparentemente voltadas para “auxiliar” a população); de outro, movimentos sociais, sindicatos e entidades populares se organizam – com escassos recursos – para frear a cupidez do grande capital, resistindo a seu avanço e procurando seguir em direção a uma vida humana emancipada.

Gramsci compreendeu com clareza que a sociedade civil faz parte do Estado, o qual se amplia e se expande exatamente através dessa crescente malha associativa, tanto de cunho empresarial (que procura apassivar a população) quanto de cunho rebelde e resistente, que se organiza para transformar as condições econômicas, políticas, sociais e culturais dadas. Daí a importância não apenas de prosseguir a luta no âmbito da sociedade civil – nas entidades associativas contra-hegemônicas – mas de impor limites, no seio da sociedade política (ou do Estado em sentido restrito), à verdadeira devastação permanentemente recolocada pelo grande capital.

O leitor não encontrará aqui uma visão simplista, seja a de que o acesso ao governo resolva o problema social ou, ao contrário, de que apenas o convencimento na sociedade civil permitiria superar as mazelas do capitalismo. Tal simplismo, em sua primeira versão, oculta governismos tendencialmente desmobilizadores da organização popular; na segunda versão, esquece – em alguns casos, convenientemente – que o poder de classe se estriba tanto no convencimento quanto na coerção. Dênis de Moraes fala da luta política que atravessa ao mesmo tempo a sociedade civil e o Estado, posto não serem separáveis.

Este livro permite ainda conhecer avanços e conquistas das lutas populares na América Latina, o que nos ajuda a ter maior clareza quanto à diversidade e variedade de desafios com os quais estamos confrontados. A cuidadosa comparação entre as legislações de diversos países da América Latina, com avanços, recuos e hesitações, permite desmontar falácias fartamente divulgadas pela grande imprensa – como, por exemplo, a da estatização da mídia na Venezuela, que jamais ocorreu – e identificar o quanto ainda precisamos avançar para um mundo no qual a informação, a comunicação e a cultura estejam plenamente socializados.

O primeiro passo para construir um mundo alternativo é repudiar a imagem do mundo implantada em nossas mentes e todas as falsas promessas que se empregam para justificar e idealizar a necessidade criminosa e insaciável de lucrar. É vitalmente necessário outro espaço. Primeiro, deve ser descoberto um horizonte. E para isso temos que reencontrar a esperança. Apesar de tudo o que a nova ordem pretende e perpetra. A esperança, contudo, é um ato de fé, tem que ser sustentada por outras ações concretas. Por exemplo, a ação de aproximar-se, de caminhar em alguma direção. Isso conduzirá a colaborações que negam a descontinuidade. O ato de resistência não significa apenas negar-se a aceitar o absurdo da imagem do mundo que nos é oferecida, mas denunciá-la. E quando o inferno é denunciado a partir de dentro, deixa de ser inferno.

John Berger

Apresentação

Os textos aqui reunidos correspondem a estudos por mim desenvolvidos sobre efeitos e implicações da midiaticização da vida social, incluindo análises de alternativas contra-hegemônicas que se insurgem na contemporaneidade. Trata-se de um esforço para compreender cenários comunicacionais numa era de aceleração tecnológica, globalismos e mercantilização na qual os movimentos do mundo parecem caber nas 33 letras fulminantes de Gabriel García Márquez: “um vendaval de velocidades disparadas”.

A comunicação jamais esteve tão fortemente entranhada na batalha das ideias pela direção moral, cultural e política da sociedade. Reconhecendo o caráter estratégico da produção simbólica nas disputas pelo poder, compartilho do entendimento de Jean-Paul Sartre de que a mídia desempenha os papéis de “servidores da hegemonia e guardiães da tradição”.¹ Ocupa posição proeminente no âmbito das relações sociais, visto que fixa os contornos ideológicos da ordem hegemônica, elevando o mercado à instância máxima de representação de interesses.

¹ Jean Paul Sartre. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994, p. 23.

Não raro, o discurso dominante fabricado pelos aparatos midiáticos tenta neutralizar o espaço de circulação de visões dissonantes e contestadoras. Edward Said foi preciso ao ressaltar que, enfraquecendo ou silenciando pontos de resistência, esse discurso objetiva “modelar a impiedosa lógica corporativa da obtenção de lucros e o poder político em um estado de coisas normal – ‘é assim que as coisas são’ –, convertendo, no processo, a resistência racional a essas noções em algo completa e praticamente irrealista, irracional, utópico etc.”.²

Ao mesmo tempo em que procuro desvelar aparências espetacularizadas, seduções consumistas e feitiçarias tecnológicas, aprecio iniciativas que intentam reforçar a variedade informativa e cultural. Significa trazer à luz experiências que se opõem aos crivos e controles da mídia, introduzindo projetos criativos capazes de descentralizar, progressivamente, os processos comunicacionais e contribuir para o alargamento das margens de diversidade.

Em qualquer das vertentes, e também na confluência entre elas, norteio-me pela lúcida argumentação de Antonio Gramsci sobre o quadro de possibilidades humanizadoras para a existência. Segundo ele, perseguir o consenso em torno de concepções emancipadoras pressupõe um duplo desafio no confronto com a fria mentalidade capitalista. Primeiro, devemos adequar essas concepções à “análise concreta da realidade concreta” (expressão salientada por um líder revolucionário muito respeitado por Gramsci, o velho Vladimir I. Lênin), com atenção redobrada às nuances e contradições. Depois, elevar as visões consequentes “até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais evoluído”, na persistente defesa de ideias libertárias. Gramsci realça a importância de recusarmos proposições ocasionais e desarticuladoras, que querem nos incluir em “multiplicidades de homens-

² Edward Said, “O papel público de escritores e intelectuais”. In: Moraes, Dênis de (org.). *Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 41.

massa”, tentando afastar os “homens-coletivos” da consciência fundamental contra o conformismo, a apatia e a alienação.³

As indicações do filósofo marxista italiano tornam-se especialmente úteis em um momento histórico no qual tramas sinuosas se desenrolam à sombra de telas, monitores, celulares e redes digitais, influenciando cada vez mais na formação das mentalidades. O pensamento crítico e dialético impõe-se como elemento-chave para afugentar o culto celebratório do novo e o alarido por abundâncias mercadológicas, bem como para qualificar intervenções autenticamente transformadoras da cena pública.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, o leitor encontrará um ensaio sobre a construção da hegemonia no imaginário social, através dos jogos de consenso e dissenso que caracterizam e condicionam a produção de sentido nos meios de comunicação. Valorizo a contribuição de Gramsci a um entendimento ampliado do conceito de hegemonia. Segundo ele, a hegemonia não se reduz à coerção militar e à superioridade econômica, pois decorre também de batalhas permanentes pela conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. Envolve a capacidade de um determinado bloco de articular um conjunto de fatores que pode levá-lo a dirigir moral e culturalmente, e de modo sustentado, a sociedade como um todo. Além de congregar as bases materiais econômicas, a hegemonia tem a ver com entrecortes de percepções e valores, no contexto concreto da luta de classes. Não é, portanto, uma construção monolítica, e sim o resultado das medições de forças entre blocos e classes, traduzindo formas variáveis de conservação ou reversão do domínio material e imaterial que atravessam o campo midiático, sendo por ele influenciadas.

O ensaio seguinte trata de reverberações e impactos da cultura tecnológica em que estamos mergulhados. Tudo à volta

³ Antonio Gramsci. *Cadernos do cárcere* (vol. 1). Organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 94-95.

se recompõe e se desloca incessantemente. Predominam os mantras da velocidade, da inovação e da mercantilização, cada vez mais ajustados à urgência por vantagens e dividendos competitivos. Como pretendo demonstrar, a multiplicação de produtos e serviços multimídias, disponibilizados por tecnologias de última geração, põe-se a serviço de lógicas corporativas que convertem variedades em grandes quantidades lucrativas. Daí a importância de pressões sociais sistemáticas em favor de políticas públicas que protejam e promovam o interesse coletivo contra ambições monopólicas privadas.

Na segunda parte, consta o estudo sobre novas políticas de comunicação e difusão cultural de governos progressistas⁴ da América Latina, que realizei com o apoio da Fundação Ford. Dispus-me a investigar e explicitar mudanças em curso desde a ascensão recente de governantes eleitos com a bandeira da justiça social. A reação que se delineia em alguns países visa superar a histórica letargia do Estado diante da avassaladora concentração dos setores de informação e entretenimento nas mãos de um reduzido número de megagrupos nacionais e transnacionais, obcecados em rentabilizar a produção simbólica. O que se almeja agora, nos raios de influência estatal, é um conjunto de programas e ações que diversifique as fontes de emissão, altere leis e marcos regulatórios, estimule meios alternativos e comunitários, apoie a geração e a divulgação de conteúdos regionais e locais e redirecione fomentos e patrocínios à produção audiovisual independente. É relevante acentuar que em vários países tais providências decorrem de reivindicações de organismos e movimentos

⁴ Adotamos o seguinte sentido para a palavra “progressista”: uma linha de pensamento que se comprometa explicitamente com tudo o quanto se possa mudar, transformar e humanizar na sociedade. Sentido bem próximo ao proposto por Raymond Williams: “Ainda se pode usá-lo simplesmente como termo oposto a conservador; isto é, para referir-se a alguém que aprova ou defende a mudança”. Williams observa que “progressista” tem sido usado tanto para referir-se à esquerda quanto para distinguir partidários de uma mudança “moderada e ordenada”. Ver Raymond Williams, *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 328-329.

da sociedade civil, a partir do convencimento de que a informação veraz e o pluralismo são pressupostos indispensáveis à democratização da comunicação. Embora não seja este o foco do trabalho que se vai ler, cabe assinalar ainda que outras iniciativas no âmbito social propriamente dito procuram fazer germinar uma comunicação autônoma e desvinculada da mídia comercial e suas conveniências econômicas, políticas e ideológicas.

Ao atravessar planícies, vales, florestas, rios, montanhas, ruas, avenidas, ladeiras, orlas, parques, becos, favelas e terras batidas, pude notar circunstâncias que incidem na formulação e na execução de políticas públicas, em particular quando elas colocam em xeque privilégios econômicos e conveniências de elites políticas, empresariais e midiáticas. Certos governos, notadamente os de esquerda (Venezuela, Bolívia e Equador), têm que travar duras lutas para que suas propostas renovadoras sobrevivam às violentas campanhas da mídia e dos grupos conservadores, cujo alvo é debilitá-los perante a opinião pública. Indiscutível evidência de que as investidas continuarão arriscadas e prolongadas. Cabe frisar que, mesmo açoitados nas guerras audiovisuais e impressas que lhes são movidas, os presidentes Hugo Chávez, Evo Morales e Rafael Correa têm mantido a determinação de modificar os sistemas de comunicação.

Não foram poucos os momentos em que me lembrei do clássico *As veias abertas da América Latina*,⁵ de Eduardo Galeano, que li pela primeira vez na longínqua década de 1970, com o coração alvoroçado e partido. Ainda sem as rugas do exílio e no auge da síntese de paixão, sofrimento e destemor que caracteriza os inconformados, Galeano alude aos contrastes de uma região com identidades e tradições culturais tão ricas, porém assolada por injustiças clamorosas. Quarenta anos depois, com o escritor uruguaio vivendo na Montevideu livre das infames ditaduras militares, Latinoamérica consegue ser única na capacidade de enxergar horizontes que suplantam os picos nevados da Cordi-

⁵ Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

lheira dos Andes, em meio ao alijamento da maior parte de seus habitantes dos benefícios do progresso. Permanece resistindo, como as algaravias dos pássaros nas ilhas selvagens do Pacífico, à desertificação do real provocada por três tiranias siamesas – do dinheiro, da informação e da alienação –, brilhantemente denunciadas por Milton Santos.⁶

Por isso, não me parece casual que os primeiros e promissores sinais do pós-neoliberalismo venham de nossos irmãos da pátria grande – pátria multicultural herdada de incas e maias e redescoberta pelo jovem Ernesto Che Guevara na febril travessia de motocicleta por artérias, precipícios e sonhos. Os povos marginalizados daqui começam a perceber que as urnas e as mobilizações podem apressar a chegada de utopias vitais. Daí compreendermos por que, na imensa cidade-dormitório de El Alto, na periferia de La Paz, a quatro mil metros de altitude, 90% das centenas de milhares de eleitores (a maioria deles pobres e descendentes de povos indígenas) votaram a favor de Evo Morales, no referendo de agosto de 2008. Foi o seu grito de endosso às reorientações socioeconômicas conduzidas pelo índio aymara que preside a Bolívia. Da mesma maneira, na rica província oriental de Santa Cruz, onde apenas 15 famílias aristocráticas dispõem de meio milhão de hectares de terras férteis, numa região habitada por um milhão de habitantes, não me foi difícil imaginar o que inspirava a carga de rancor e ódio que distorcia a fisionomia de um dirigente empresarial durante evento na Câmara de Indústria e Comércio, transmitido pela TV local: “O inimigo é Evo”.

Por fim, em pesquisa realizada sob os auspícios do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), avalio a emergência da comunicação alternativa em rede como manifestação contra-hegemônica, numa direção anticapitalista e antineoliberal. Discuto avanços, dilemas e dificuldades de práticas ativistas que se apropriam de tecnologias digitais para expandir o alcance de suas interferências críticas.

⁶ Milton Santos, *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 38-44.

Focalizo as opções por trabalhos compartilhados, práticas como *copyleft* e publicações abertas, dinâmicas participativas e descentralizações coordenadas que se alastram pela Internet, em associação com ideários e campanhas pela ampliação dos direitos da cidadania no planeta. Essa teia de afinidades eletivas, que se conjugam em toda parte e a qualquer tempo, anseia construir uma cultura de reciprocidades cooperativas, baseada no que Naomi Klein bem definiu como “um intenso desejo de comunidade e conexão”.⁷

Gostaria de terminar recordando dois belos livros que falam da esperança. Em *Otros septiembres*,⁸ Ariel Dorfman sublinha que cada um de nós tem uma maneira secreta de buscar amparo na dor e, sobretudo, na esperança. A expectativa de superação das adversidades deixa de ser clandestina ou anônima quando nos encorajamos a enfrentar as esterilidades de uma era de desejos esgarçados pela síndrome da comercialização da vida.

Já John Berger assinala, em *Con la esperanza entre los dientes*,⁹ que, se vivemos tempos obscuros, não podemos nos esquecer de que outras épocas também foram obscuras, e nem assim se extinguíram todas as luzes. Hoje, diz Berger, a esperança está conectada a uma promessa que remete ao futuro: “Uma visão alternativa da esperança é aquela que implica almejar com toda nossa força o infinito, agora. Isto significa devir e não só ser passivamente. Este devir – transformar-nos – implica aspirar a algo que aparentemente não é imediato”.

Se o devir pode ser prenúncio de claridades, devemos forçar passagem por entre superfícies transitórias e imagens fortuitas, tentando restabelecer o equilíbrio do cosmos. É como se resolvêssemos escalar a parede escorregadia de um calabouço depois de vislumbrarmos um pequeno vitral pelo qual entram insistentes

⁷ Naomi Klein, *Cercas e janelas: na linha de frente do debate sobre globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 49.

⁸ Ariel Dorfman, *Otros septiembres: provocaciones desde un Norte perplejo*. Buenos Aires: Seix Barral, 2007.

⁹ John Berger, *Con la esperanza entre los dientes*. México: Itaca, 2006.

raios de luz. As setas iluminadas levam à necessidade crucial de desfazermos os consentimentos ao mundo da escassez e da exclusão, substituindo-os pelos consentimentos ao mundo da partilha e da igualdade. Isso dependerá tanto de compromissos com a democratização da sociedade como um todo e dos meios de comunicação em particular quanto da capacidade dos povos para afrontar os obstáculos às suas aspirações genuínas.

Não faz mal que possa demorar mais tempo do que gostaríamos, em função de encruzilhadas e tensões. O poeta Carlos Drummond de Andrade aconselha-nos a ter paciência em constante ebulição, porque, um dia, a luminosidade proporcionada pelo pequeno vitral se expandirá a todos os ares:

A injustiça não se resolve
À sombra do mundo errado.
Murmuraste um protesto tímido.
Mas virão outros.¹⁰

Dênis de Moraes

Rio de Janeiro, verão de 2009.

¹⁰ Carlos Drummond de Andrade, “Consolo na praia”, em *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.